

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS E GERÊNCIAS**

**PANORAMA DO MERCADO DE TRABALHO METROPOLITANO
BRASILEIRO NO PERÍODO 2005-2015:
PERSPECTIVAS SOCIAIS E ECONÔMICAS**

MONOGRAFIA DE GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS ECONÔMICAS

DANIELLE SANCHO PEREIRA LOURENÇO

Mariana, 2017

DANIELLE SANCHO PEREIRA LOURENÇO

PANORAMA DO MERCADO DE TRABALHO METROPOLITANO
BRASILEIRO NO PERÍODO 2005-2015:
PERSPECTIVAS SOCIAIS E ECONÔMICAS

Monografia apresentada ao Curso de Ciências Econômicas da Universidade Federal de Ouro Preto como parte dos requisitos para a obtenção do Grau de Bacharel em Ciências Econômicas.

Orientador: André Mourthe de Oliveira

Mariana
DEECO / ICSA / UFOP
Abril / 2017

Catálogo na fonte: Bibliotecário: Essevalter de Sousa - CRB6a. - 1407 - essevalter@sisbin.ufop.br

L892p Lourenço, Danielle Sancho Pereira
Panorama do Mercado de Trabalho Metropolitano Brasileiro
no Período 2005-2015 [recurso eletrônico] : Perspectivas
Sociais e Econômicas / Danielle Sancho Pereira Lourenço.-Mariana,
MG, 2017.

1 CD-ROM; (4 3/4 pol.)

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) - Universidade
Federal de Ouro Preto, Instituto de Ciências Econômicas
e Gerenciais DECEG/ICSA/UFOP

1. Mercado de trabalho - Teses - Brasil. 2. MEM. 3.
Trabalho - Teses. 4. Monografia. I.Oliveira, André
Mourthé de. II.Universidade Federal de Ouro Preto
- Instituto de Ciências Sociais Aplicadas - Departamento
de Ciências Econômicas e Gerenciais. III. Título.

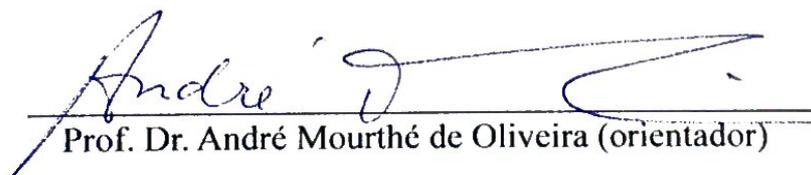
CDU: Ed. 2007 -- 331.5
: (81)
: 15
: 1417662

DANIELLE SANCHO PEREIRA LOURENÇO
Curso de Ciências Econômicas – ICESA/UFOP

**PANORAMA DO MERCADO DE TRABALHO METROPOLITANO
BRASILEIRO NO PERÍODO 2005-2015: PERSPECTIVAS SOCIAIS E
ECONÔMICAS**

Trabalho apresentado ao Curso de Ciências
Econômicas do Instituto de Ciências Sociais e
Aplicadas da Universidade Federal de Ouro Preto
como requisito parcial para a obtenção do grau de
Bacharel em Ciências Econômicas.

Banca Examinadora:


Prof. Dr. André Mourthé de Oliveira (orientador)


Prof. Dr. Daniel do Val Cosentino


Prof. Ms. Ricardo André da Costa

Mariana, 05 de abril de 2017.

AGRADECIMENTOS

"Veni, vidi, vici"!

Concluo mais uma etapa em minha vida, e nesse momento é preciso agradecer aqueles que estiveram ao meu lado e me incentivaram a chegar até aqui. Agradeço, primeiramente a Deus, que me concedeu vida e saúde para enfrentar os obstáculos e alcançar mais esse objetivo.

À minha mãe pelo sacrifício, pelo exemplo de força, persistência, caráter e inteligência, por sempre acreditar em mim e me incentivar a realizar todos os meus sonhos. À minha irmã, Jacque, obrigada pela amizade e cumplicidade, por me mostrar o lado leve e engraçado do mundo! Ao meu namorado, melhor amigo, companheiro, futuro marido e pais dos meus filhos, Dhiego, obrigada por sempre estar ao meu lado e me apoiar em todas as minhas decisões, por me buscar tarde da noite depois das aulas, por levar lanche pra mim, por aguentar meus momentos de estresse e frustração, e por me amar mais do que eu mereço.

À Família Pereira, Vovó, tios e tias, primos e primas, muito obrigada pelo apoio, incentivo e orações. Obrigada pelos bons momentos e por me ajudar a passar pelos momentos difíceis. Vocês são minha base, inspiração e alicerce.

À família Souza e Rocha, minha segunda família, obrigada por me acolherem como uma de vocês e por todos os momentos de alegria. Em especial aos companheiros de golo, Josy, Tuca, Gabi e Marcelo, obrigada pelas melhores bebedeiras da minha vida!

Obrigada a Cooperouro pela oportunidade de estágio, foram dois anos de aprendizado imprescindíveis na minha formação. Em especial as amigas da contabilidade, Angélica, Girlaine, Kamila e Fabiola, obrigada por tudo que me ensinaram nesses dois anos de convivência, espero levar nossa amizade pra toda vida, Panelinha pra sempre!

Por fim, obrigada à UFOP, pela educação pública, gratuita e de qualidade! Aos professores do Curso de Ciências Econômicas, pelos ensinamentos compartilhados, em especial ao meu orientador, André Mourthe, pela paciência e bom humor de sempre.

RESUMO

O objetivo central deste trabalho é analisar o desempenho dos mercados de trabalho das regiões metropolitanas de Recife, Salvador, Belo Horizonte, Rio de Janeiro, São Paulo e Porto Alegre durante o período 2005-2015. Serão feitas análises dos dados das regiões metropolitanas pesquisadas utilizando os seguintes indicadores: gênero, faixa etária, nível de escolaridade, posição na ocupação, rendimento médio real habitual da população ocupada e taxa de desocupação. Após as análises concluímos que houve evoluções significativas no mercado de trabalho: uma maior taxa de mulheres trabalhando, aumento de pessoas escolarizadas, os salários dos ocupados cresceu ao longo dos anos, houve queda da taxa de desemprego. Porém, apesar dos avanços, ainda há muito que se fazer para fazer com o Brasil cresça ainda mais.

Palavras-chave: indicadores, mercado de trabalho, regiões metropolitanas.

ABSTRACT

The main objective of this study is to analyze the performance of labor markets in the metropolitan areas of Recife, Salvador, Belo Horizonte, Rio de Janeiro, São Paulo and Porto Alegre during the period 2005-2015. Analyzes of the data of the metropolitan regions surveyed will be done using the following indicators: gender, age group, level of schooling, position in occupation, average real income of the employed population and unemployment rate. After the analysis we conclude that there have been significant changes in the labor market: a higher rate of working women, an increase in school attendance, the salaries of employed people has grown over the years, the unemployment rate has fallen. However, despite the advances, there is still much to do to make Brazil grow even more.

Keywords: indicators, labor market, metropolitan regions.

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1: distribuição da taxa de ocupados por região metropolitana, segundo o gênero, M: masculino, F: feminino; 2005/2015 (%)	12
Gráfico 2: distribuição da taxa de ocupados por região metropolitana, segundo a faixa etária, 2005 (%)	16
Gráfico 3: distribuição da taxa de ocupados por região metropolitana, segundo a faixa etária, 2015 (%)	16
Gráfico 4: distribuição da taxa de ocupados por região metropolitana, segundo o nível de escolaridade, 2005 (%)	20
Gráfico 5: distribuição da taxa de ocupados por região metropolitana, segundo o nível de escolaridade, 2015 (%)	20
Gráfico 6: distribuição da taxa de ocupados por região metropolitana, segundo posição na ocupação, 2005 (%)	23
Gráfico 7: distribuição da taxa de ocupados por região metropolitana, segundo posição na ocupação, 2015 (%)	23
Gráfico 8: rendimento médio real habitual da população ocupada, por região metropolitana - 2005/2015 (R\$)	27
Gráfico 9: população desocupada, por região metropolitana - 2005/2015 (%)	29

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: distribuição da taxa de ocupados por região metropolitana, segundo o gênero, M: masculino, F: feminino; 2005/2015 (%)	15
Quadro 2: distribuição da taxa de ocupados por região metropolitana, segundo a faixa etária, 2005/2015 (%)	17
Quadro 3: distribuição da taxa de ocupados por região metropolitana, segundo o nível de escolaridade, 2005/2015 (%)	21
Quadro 4: distribuição da taxa de ocupados por região metropolitana por posição na ocupação - 2005/2015 (%)	24
Quadro 5: rendimento médio real habitual da população ocupada, por região metropolitana, 2005/2015 (R\$)	27
Quadro 6: população desocupada, por região metropolitana - 2005 a 2015 (%)	29

LISTA DE SIGLAS

- PME: Pesquisa Mensal de Emprego;
- IBGE: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística;
- PNAD: Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua;
- DIEESE: Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Econômicos;
- PED: Pesquisa de Emprego e Desemprego;
- PETI: Programa de Erradicação do Trabalho Infantil;
- RM: Região Metropolitana;
- RMs: Regiões Metropolitanas;
- RMBH: Região Metropolitana de Belo Horizonte;
- RMSP: Região Metropolitana de São Paulo;
- RMRJ: Região Metropolitana do Rio de Janeiro;
- RMPA: Região Metropolitana de Porto Alegre;
- RMS: Região Metropolitana de Salvador;
- RMR: Região Metropolitana de Recife;
- BH: Belo Horizonte;
- SP: São Paulo
- RJ: Rio de Janeiro
- PA: Porto Alegre
- REC: Recife
- SAL: Salvador
- Var %: variação percentual

SUMÁRIO

LISTA DE GRÁFICOS	VI
LISTA DE QUADROS	VII
LISTA DE SIGLAS	VIII
1 - INTRODUÇÃO	10
2 – FATORES INTERVENIENTES E METODOLOGIA	11
3 - ANÁLISE DO MERCADO DE TRABALHO DAS PRINCIPAIS REGIÕES METROPOLITANAS BRASILEIRAS	12
a) Sexo: masculino x feminino	12
b) Faixa etária	16
c) Nível de escolaridade	20
d) Posição na ocupação	23
e) Rendimento médio	27
f) População desocupada	29
4 - CONSIDERAÇÕES FINAIS	31
5 - REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	32

1 - INTRODUÇÃO

As análises que serão apresentadas têm como objetivo principal traçar um panorama do mercado de trabalho metropolitano do Brasil com base na distribuição da população ocupada por gênero, faixa etária, anos de estudo, posição na ocupação, variação do rendimento médio e população desocupada. Todas as análises foram construídas usando dados das seis principais regiões metropolitanas do Brasil: Recife, Salvador, Belo Horizonte, Rio de Janeiro, São Paulo e Porto Alegre, comparando ao país como um todo.

O comportamento dos índices de emprego e desemprego de um país são de extrema importância para a economia, pois afetam diretamente o nível de bem-estar da população, e tem ligação direta com o nível de produtividade e crescimento da economia. Em termos mais atuais pode-se dizer que as taxas de desemprego são as fontes que primeiramente refletem as dificuldades econômicas e sociais de uma nação. Trata-se de um problema extremamente complexo, já que pode ter causas difundidas em vários fatores que acabam por refletir na sociedade causando danos no curto e no longo prazo.

Por larga margem, o indicador mais utilizado para a avaliação do desempenho do mercado de trabalho é a taxa de desemprego. De modo geral, quando esse indicador encontra-se em patamares baixos, a avaliação tende a ser de que o mercado de trabalho passa por um bom momento, ao contrário de quando ele passa para níveis mais elevados (RAMOS, 2007 – p.16).

Para viabilizar a análise, o capítulo seguinte apresenta os principais conceitos do mercado de trabalho, assim como a metodologia utilizada para coleta de dados e desenvolvimento das análises.

2 – FATORES INTERVENIENTES E METODOLOGIA

Serão apresentados nesta seção algumas definições do universo do mercado de trabalho além da metodologia utilizada, para uma compreensão mais clara dos desdobramentos e da ordem de grandeza das variáveis do mercado de trabalho, tais informações foram tiradas da PNAD/IBGE.

a) Pessoas em idade de trabalhar: pessoas de 14 anos ou mais de idade na data de referência.

b) Condição de ocupação: as pessoas em idade de trabalhar são classificadas, quanto à condição de ocupação na semana de referência, em ocupadas e desocupadas.

c) Ocupados: são classificadas como ocupadas na semana de referência as pessoas que, nesse período, trabalharam pelo menos uma hora completa em trabalho remunerado em dinheiro, produtos, mercadorias ou benefícios (moradia, alimentação, roupas, treinamento etc.) ou em trabalho sem remuneração direta em ajuda à atividade econômica de membro do domicílio ou, ainda, as pessoas que tinham trabalho remunerado do qual estavam temporariamente afastadas nessa semana.

d) Desocupados (ou desempregados): são classificadas como desocupadas na semana de referência as pessoas sem trabalho nessa semana, que tomaram alguma providência efetiva para consegui-lo no período de referência de 30 dias e que estavam disponíveis para assumi-lo na semana de referência. Consideram-se, também, como desocupadas as pessoas sem trabalho na semana de referência que não tomaram providência efetiva para conseguir trabalho no período de 30 dias porque já haviam conseguido trabalho que iriam começar após a semana de referência.

e) Rendimento médio real habitual das pessoas ocupadas em todos os trabalhos: é o rendimento bruto real médio habitualmente recebido em todos os trabalhos que as pessoas ocupadas com rendimento tinham na semana referência, a preços do mês do meio do trimestre mais recente que está sendo divulgado.

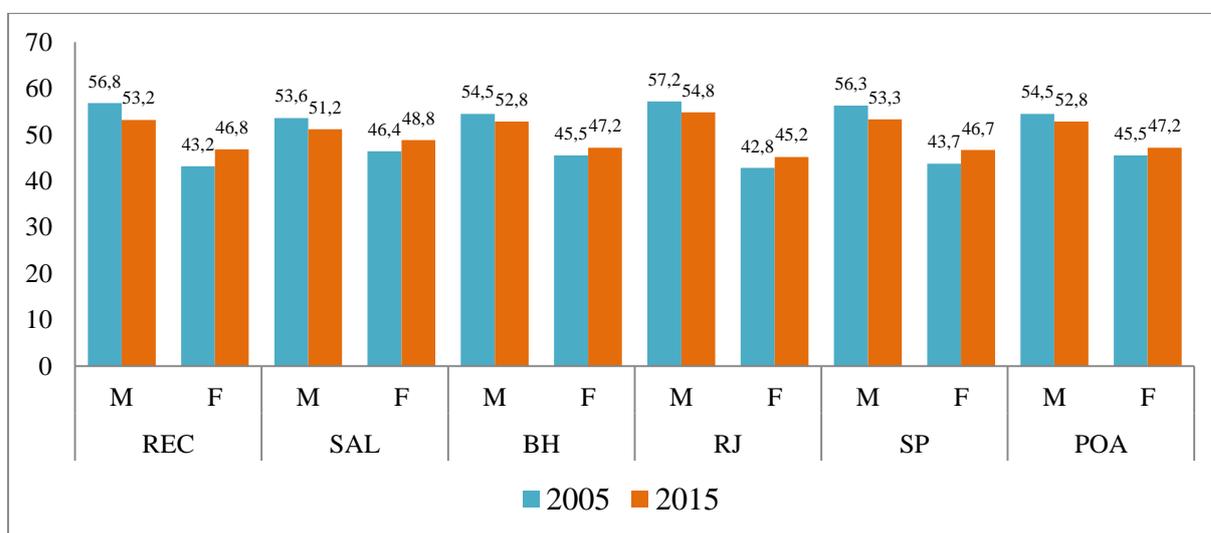
As análises foram desenvolvidas a partir de dados extraídos da PME/IBGE para cada uma das seis regiões metropolitanas abordadas. Os dados são anuais e foram utilizados em uma série decenal, de 2005 a 2015, com intuito de avaliar algumas possíveis mudanças nesses mercados de trabalho.

3 - ANÁLISE DO MERCADO DE TRABALHO DAS PRINCIPAIS REGIÕES METROPOLITANAS BRASILEIRAS

O período selecionado contempla um período da economia brasileira que acrescentou grandes mudanças. A primeira década desse século apresentou bons indicadores econômicos que começaram a favorecer um melhor desempenho do mercado de trabalho. Em 2008 presenciamos uma forte crise internacional, no entanto a política local não permitiu que o país sentisse tão fortemente seus efeitos a princípio. As consequências vieram depois causando uma desaceleração da economia que culminou com uma forte recessão sentida no princípio do ano de 2015. Nas sessões seguintes iniciaremos as discussões acerca do desenvolvimento do mercado de trabalho metropolitano brasileiro, começando pela análise da população ocupada por gênero.

a) Gênero: Masculino x Feminino

Gráfico 1: distribuição da taxa de ocupados por região metropolitana, segundo o gênero, M: masculino, F: feminino; 2005/2015 (%)



Fonte: Elaboração própria a partir de dados da PME/IBGE.

Iniciarei destacando a intensidade e constância do crescimento da atividade feminina no mercado de trabalho. A pesquisa mostrou que os homens representavam, em 2005, 56,0% da população ocupada, enquanto as mulheres eram

44,0% no total das RMs pesquisadas. Ao comparar com os dados de 2015 percebemos que a participação masculina diminuiu, passando para 53,2%, enquanto a participação feminina aumentou para 46,6%.

Ao analisar pontualmente as RMs, nota-se que Recife foi a região onde ocorreu a maior variação percentual entre os anos de 2005 e 2015. O número de homens ocupados diminuiu 6,3% ao longo dos últimos anos, já o número de mulheres aumentou 8,3%. De acordo com o DIEESE (2011), na região metropolitana de Recife é possível observar uma presença maior das mulheres em escolas técnicas e concluindo o ensino médio. Já que de modo geral, elas têm uma iniciativa maior em buscar qualificação profissional, seja pela maturidade que vem mais cedo ou pela descoberta de um novo mercado de trabalho que busca por mão de obra qualificada e cada vez mais disciplinada.

Em seguida vem São Paulo, que também variou muito seus índices de ocupados de acordo com o sexo, as mulheres que eram 43,7% dos ocupados em 2005, passaram a 46,7% em 2015. No grupo dos homens, assim como nas demais regiões metropolitanas pesquisadas, também houve uma diminuição do número de ocupados, em torno de 5,3% de 2005 a 2015. Segundo a PED (2016), na última década, a redução nas taxas de desemprego total está associada ao crescimento econômico e ao aumento do nível de ocupação, movimentos estes que favoreceram especialmente as mulheres, principalmente devido as transformações nas relações familiares, em que o modelo de família baseado no chefe masculino provedor vem-se alterando aos poucos e criando novas dinâmicas nas relações dos membros da família com o mundo do trabalho.

A RMRJ foi a que apresentou os maiores índices de ocupação entre os homens ao longo dos dez anos analisados, sendo em 2005 uma taxa de 57,2% e em 2015, 54,8%. Em contrapartida é a RM com menor índice de mulheres ocupadas entre as demais, apresentou 42,8% em 2005 e 45,2% em 2015. Já a RMS, possui a maior participação feminina entre as RMs analisadas, foi de 46,4% em 2005 para 48,8 em 2015, um aumento de 5,2% ao longo dos dez anos analisados. Já os homens da RMS apresentaram as menores taxas entre todas as RMs da pesquisa, tinha 53,6% dos ocupados em 2005, e passou para 51,2% em 2015, diminuindo seu índice em 4,5%. Essa maior participação das mulheres durante o período analisado está relacionada não apenas a tendência histórica da crescente inserção feminina ao mercado de trabalho, mas também ao aumento da inatividade entre os homens e chefes de família

(HOFFMANN e MENDONÇA, 2003).

Belo Horizonte e Porto Alegre foram as regiões metropolitanas que apresentaram as menores variações na comparação entre os dez anos analisados. Ambas apresentavam em 2005 um percentual de 54,5% de homens ocupados, em 2015 esse número passou para 52,8%. No caso das mulheres, assim como nas demais regiões, o número de ocupadas aumentou, porém, com uma variação menor do que a observada nas outras regiões. Belo Horizonte e Porto Alegre tinha em 2005, 45,5% de mulheres ocupadas, em 2015 esse índice aumentou para 47,2%, uma variação de 3,7 p.p. Em meados dos anos 2000, particularmente a partir de 2004, ocorreu um processo de estruturação do mercado de trabalho regional em Porto Alegre, uma vez que se verificou uma intensa criação de empregos com registros formais, bem como a redução do desemprego e da desigualdade de rendimentos do trabalho (IBGE, 2011). A RMBH se enquadra como uma metrópole da segunda geração da industrialização brasileira, apresenta, por isto, uma estrutura produtiva mais especializada, que talvez se reflita no desempenho e nas características do seu mercado de trabalho. A estrutura produtiva especializada e o comportamento menos dinâmico desta base contribui para o crescimento dos serviços tradicionais de baixa produtividade, para o aumento de ocupações informais (precários, temporários, conta própria) e de indivíduos que não conseguem se inserir no mercado de trabalho (ANTIGO e MACHADO, 2006).

Esses movimentos estão, é claro, associados a transformações de ordem cultural e socioeconômica, bem como às alterações estruturais na economia como um todo e que repercutiram no mercado de trabalho. No que se refere às mulheres, a sua crescente participação é, em grande medida, decorrente da redução de obstáculos de natureza não econômica ao seu ingresso no mercado de trabalho e, também, da necessidade de complementação dos orçamentos familiares, fator que por certo influenciou muito a mudança de postura cultural em relação ao trabalho feminino. Quanto aos homens, a queda da participação na força de trabalho está, plausivelmente, vinculada à maior seletividade do mercado, que privilegia e demanda vez mais trabalhadores com maior nível de escolaridade (RAMOS, 2007 – p.21, quadro 2).

Embora em ascensão, o número de mulheres ocupadas ainda é menor do que o número de homens ocupados. Nos dias de hoje as mulheres estão mais presentes no mercado de trabalho, principalmente porque as características gerais delas na sociedade mudou. Elas hoje tem menos filhos, tem maior acesso a escolarização, são muitas vezes as únicas responsáveis financeiras pela família ou precisam trabalhar para

ajudar a complementar a renda do marido/companheiro. De acordo com os estudos de Antigo e Machado (2006), os chefes de família diminuíram sua participação no mercado, fato que acabou sendo compensado pela maior presença de suas companheiras. Da mesma forma, a participação das mulheres também cresceu ao longo deste período enquanto a dos homens reduziu-se. A forte presença das mulheres no mercado de trabalho em conjunto com a retração da participação masculina, acaba por revelar uma deterioração das condições do mercado de trabalho. Por outro lado ainda permanecem as responsabilidades delas com as atividades domésticas e cuidados com os filhos e a família.

Cabe salientar também a grande participação feminina no serviço doméstico, as mulheres que atuam nesses serviços, no entanto, são mais velhas e possuem piores níveis de escolaridade, mas mesmo assim não se pode desmerecer esse setor, principalmente após ter sido regularizado pelo governo através de uma Emenda Constitucional em abril de 2013, o que sem dúvida foi de grande ajuda para essas mulheres que atuam nesse setor. Porém, apesar dos notáveis avanços, ainda há muitos caminhos a percorrer para que as mulheres atinjam os mesmos níveis percentuais dos homens no mercado de trabalho.

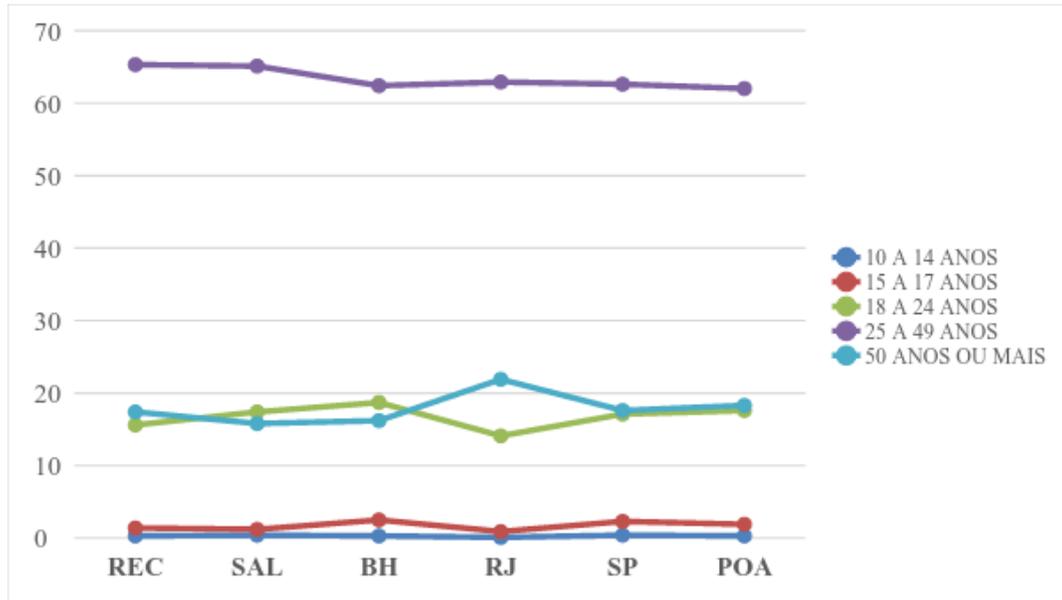
Quadro 1: distribuição da taxa de ocupados por região metropolitana, segundo o gênero, M: masculino, F: feminino; 2005/2015 (%)

ANO	TOTAL		REC		SAL		BH		RJ		SP		PA	
	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F
2005	56	44	56,8	43,2	53,6	46,4	54,5	45,5	57,2	42,8	56,3	43,7	54,5	45,5
2015	53,4	46,6	53,2	46,8	51,2	48,8	52,8	47,2	54,8	45,2	53,3	46,7	52,8	47,2
Var %	-4,6	5,9	-6,3	8,3	-4,5	5,2	-3,1	3,7	-4,2	5,6	-5,3	6,9	-3,1	3,7

Fonte: Elaboração própria a partir de dados da PME/IBGE.

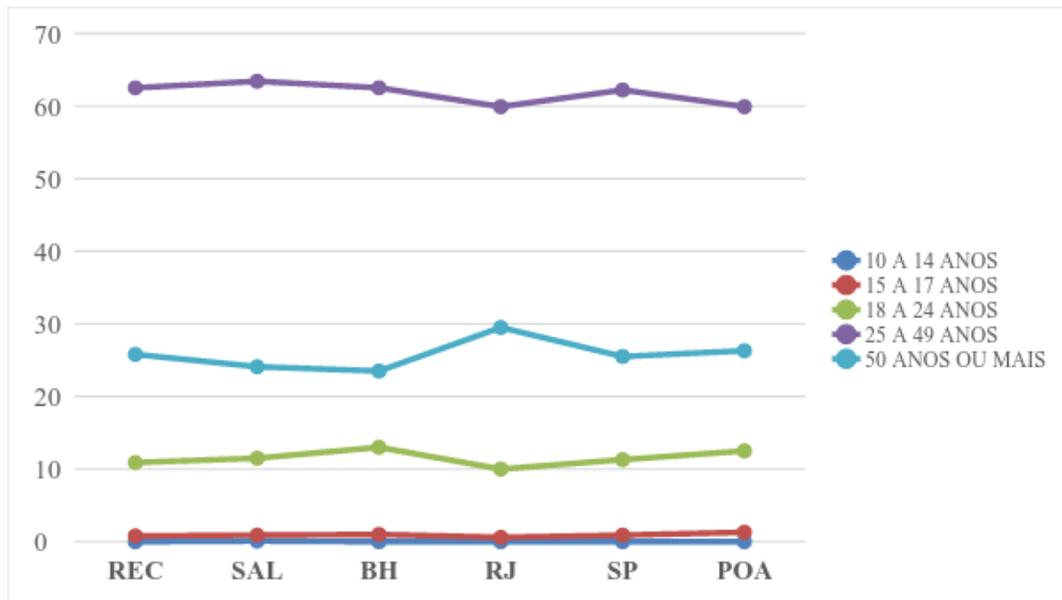
b) Faixa etária

Gráfico 2: distribuição da taxa de ocupados por região metropolitana, segundo a faixa etária, 2005 (%)



Fonte: Elaboração própria a partir de dados da PME/IBGE.

Gráfico 3: distribuição da taxa de ocupados por região metropolitana, segundo a faixa etária, 2015 (%)



Fonte: Elaboração própria a partir de dados da PME/IBGE.

Quadro 2: distribuição da taxa de ocupados por região metropolitana, segundo a faixa etária, 2005/2015 (%)

2005							
	TOTAL	REC	SAL	BH	RJ	SP	PA
10 A 14 ANOS	0,3	0,3	0,4	0,3	0,1	0,4	0,3
15 A 17 ANOS	1,8	1,4	1,2	2,5	0,9	2,3	1,9
18 A 24 ANOS	16,5	15,6	17,4	18,7	14,1	17,1	17,6
25 A 49 ANOS	63	65,3	65,1	62,4	62,9	62,6	62
50 ANOS OU MAIS	18,4	17,4	15,8	16,2	21,9	17,6	18,3
2015							
	TOTAL	REC	SAL	BH	RJ	SP	PA
10 A 14 ANOS	0	0	0,1	0	0	0	0
15 A 17 ANOS	0,9	0,8	0,9	1	0,6	0,9	1,3
18 A 24 ANOS	11,2	10,9	11,5	13	10	11,3	12,5
25 A 49 ANOS	61,6	62,5	63,4	62,5	59,9	62,2	59,9
50 ANOS OU MAIS	26,2	25,8	24,1	23,5	29,5	25,5	26,3

Fonte: Elaboração própria a partir de dados da PME/IBGE.

A distribuição da população ocupada de acordo com a faixa etária apresenta números bem diversos a cada grupo de idade. Entre os indivíduos com idade entre 10 a 14 anos, em termos gerais o número de pessoas ocupadas era bem pequeno, com uma média de 0,3% entre as RMs pesquisadas, no ano de 2005; passando para uma média de 0,0% em 2015. Analisando mais pontualmente, é possível verificar que as RMs que apresentaram maior índice em 2005, foram São Paulo e Salvador, com 4,0% de ocupados entre 10 a 14 anos, já a RM que obteve menor número nessa mesma faixa etária foi a do Rio de Janeiro com apenas 0,1%. Ao comparar com os valores de 2015 notamos que houve praticamente uma erradicação de crianças trabalhando nas RMs pesquisadas, já que todas apresentaram 0,0% de índice de ocupados entre 10 a 14 anos, exceto Salvador, com 0,1%. O que notamos é que a participação deste grupo vem caindo ao longo do período de análise, os progressos alcançados nessa frente servem, por um lado, para atestar a eficiência de alguns programas e políticas de governo voltados à erradicação do trabalho infantil nesse intervalo de tempo, como por exemplo o PETI, Bolsa Escola, Bolsa Família, fiscalização trabalhista, entre outros. Por outro

lado, o fato de haver mais de 1 milhão de crianças trabalhando, segundo o IBGE (2011), indica que é preciso aprimorar as políticas no sentido de torná-las mais eficientes. Os dados que analisamos nos permitem também formar juízo a respeito da extensão da incidência e identificação de núcleos onde é mais intenso, de forma a aumentar a fiscalização e aprimorar as políticas destinadas a erradicá-lo.

Ainda que de forma menos articulada, mas em volume crescente, as transferências de recursos às famílias carentes devem ter contribuído para a redução do trabalho infantil e dos jovens em geral. No caso do trabalho não-qualificado, trata-se de um imperativo das novas tecnologias que exigem trabalhadores cada vez mais educados e mais bem treinados para exercer qualquer ocupação. Nessa perspectiva, até mesmo o próprio exercício da cidadania somente pode ocorrer em sua plenitude com níveis crescentes de educação (CHAHAD, 2003 – p.209).

A faixa entre os 15 a 17 anos apresentou uma diminuição de quase metade de seu percentual nos últimos dez anos. Belo Horizonte foi a RM que apresentou o maior índice, 2,5% em 2005 e 1,0% em 2015; seguida por São Paulo, que passou de 2,3% em 2005 para 0,9% em 2015. As RMs de Recife e Salvador reduziram seus índices quase pela metade entre os anos de 2005 e 2015. Já as RMs de Rio de Janeiro e Porto Alegre apesar de terem diminuído seus números, não o fizeram na mesma proporção das demais RMs analisadas, alcançando uma média 0,3 p.p de diferença, apenas. No caso do trabalho jovem, cabe salientar o avanço da legislação procurando coibir o trabalho infantil, com a elevação da idade mínima para ingressar no mercado de trabalho, além dos esforços em aumentar a taxa de ingresso escolar, elevar a taxa de permanência na escola e reduzir a taxa de evasão escolar (CHAHAD, 2003).

No grupo dos 18 a 24 anos a população das RMs também apresentou queda ao comparar os anos de 2005 e 2015. A RM com maior número de ocupados nessa faixa etária foi Belo Horizonte, 18,7% em 2005 e 13,0% em 2015. As demais RMs apresentaram uma variação média de 16,5% de ocupados em 2005, passando para 11,2% em 2015, uma diminuição de pouco mais de 5 p.p nos dez anos analisados pela pesquisa. Os indivíduos mais jovens encontram-se mais tempo desempregados do que os demais, passando um pouco mais de 60% de seu tempo ocupados e em torno de 25% na inatividade (ANTIGO e MACHADO, 2006). Verifica-se também a existência de um alto nível de exclusão desta parcela da população, dentre as diversas causas das altas taxas de desemprego dos jovens destacam-se aquelas relacionadas à especificidade do

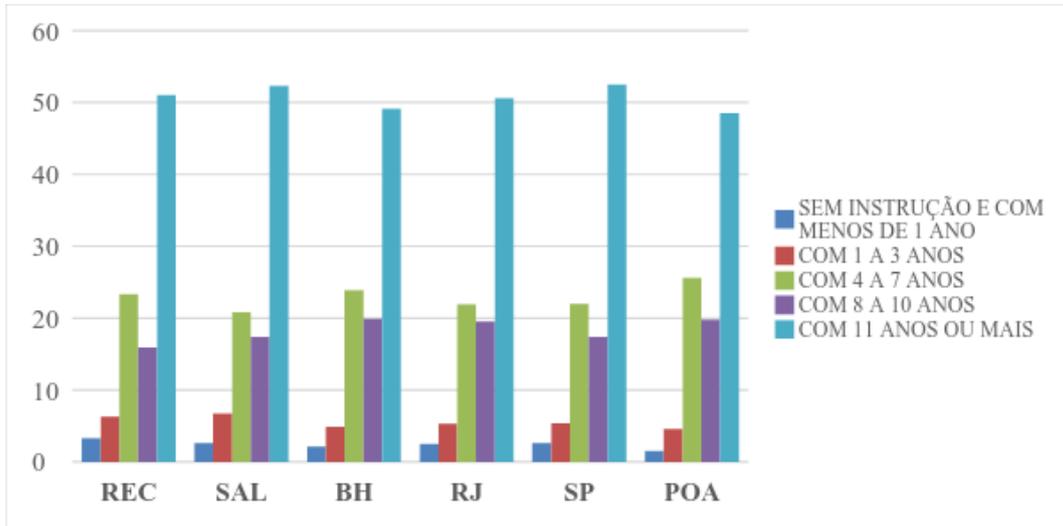
desemprego deste grupo populacional, configurada principalmente pela falta de experiência em ocupação formal (BRAGA e RODARTE, 2006). Segundo os dados da PNAD (2005), os jovens de 18 a 24 anos de idade vêm experimentando uma queda na taxa de participação quase contínua desde a década de 1990. Em contrapartida, o aumento na taxa de frequência escolar nessa faixa etária pode indicar que os jovens estão optando por adiar seu ingresso no mercado de trabalho, de forma a permanecerem na escola por mais tempo, com o objetivo de acumular mais anos de estudo em função da exigência de mais qualificação por parte dos empregadores.

A população na casa dos 25 a 49 anos, como já era esperado, é a que apresentou maior número de ocupados entre as faixas etárias analisadas, além disso, também foi a que apresentou menor variação percentual de 2005 a 2015, mantendo-se praticamente estável na comparação dos anos. A média no total das RMs analisadas passou de 63% para 61%, com relação aos anos de 2005 e 2015, respectivamente. Sendo que o maior índice apresentado em 2005 foi o da RMR, com 65,3%, e o menor foi Porto Alegre com 62,0%. Já em 2015, o maior índice foi de Salvador, com 63,4%, e os menores foram os das RMs de Rio de Janeiro e Porto Alegre, ambas com 59,9% dos ocupados na faixa dos 25 a 49 anos. De acordo com Antigo e Machado (2006), os indivíduos dessa faixa etária são os que tendem a permanecer no mercado de trabalho de forma mais estável, apresentam taxa de desemprego bem menor do que a dos jovens, ficando mais tempo ocupados e, conseqüentemente, menos tempo no estado de desemprego.

A única entre as faixas etárias analisadas que apresentou aumento dos índices de 2005 para 2015 em todas RMs analisadas pela pesquisa foi a de 50 anos ou mais. As RMs que apresentaram maior variação foram Recife, que variou 8,4% de 2005 a 2015, Salvador variando 8,3% e Porto Alegre que aumentou 8,0%. As demais RMs obtiveram variações parecidas, variando entre 7,3 a 7,9 p.p. Embora possa parecer, o processo de envelhecimento populacional não decorre principalmente do aumento da longevidade. De acordo com o IBGE (2011), as expectativas de sobrevivência nas idades mais avançadas do brasileiro têm aumentado nos últimos anos, contribuindo para o aumento do número de idosos no país e conseqüentemente no mercado de trabalho.

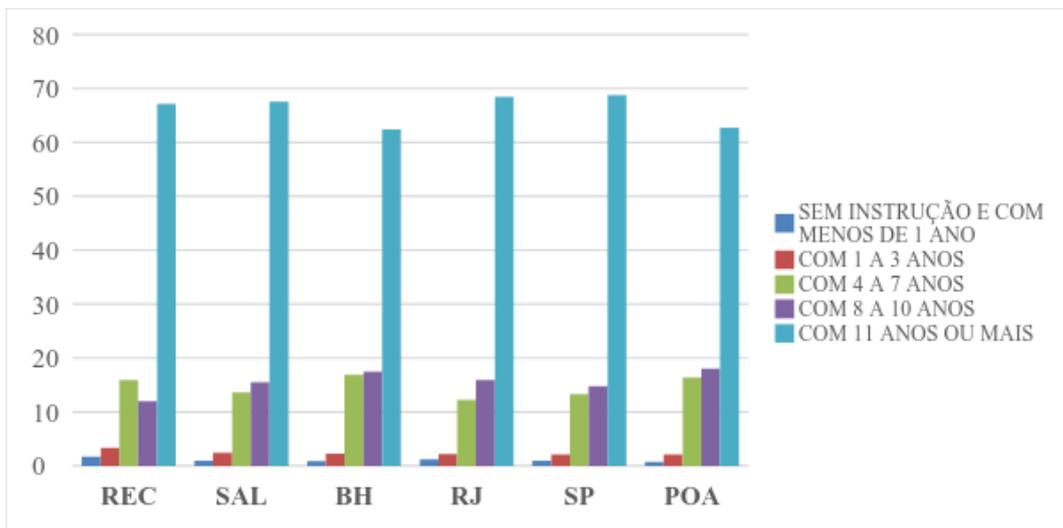
c) Nível de escolaridade

Gráfico 4: distribuição da taxa de ocupados por região metropolitana, segundo o nível de escolaridade, 2005 (%)



Fonte: Elaboração própria a partir de dados da PME/IBGE.

Gráfico 5: distribuição da taxa de ocupados por região metropolitana, segundo o nível de escolaridade, 2015 (%)



Fonte: Elaboração própria a partir de dados da PME/IBGE.

Quadro 3: distribuição da taxa de ocupados por região metropolitana, segundo o nível de escolaridade, 2005/2015 (%)

2005							
	TOTAL	REC	SAL	BH	RJ	SP	PA
SEM INSTRUÇÃO E COM MENOS DE 1 ANO	2,5	3,3	2,6	2,1	2,5	2,6	1,5
COM 1 A 3 ANOS	5,4	6,3	6,7	4,9	5,3	5,4	4,6
COM 4 A 7 ANOS	22,5	23,3	20,8	23,9	21,9	22	25,6
COM 8 A 10 ANOS	18,3	15,9	17,4	19,9	19,5	17,4	19,8
COM 11 ANOS OU MAIS	51,2	51	52,3	49,1	50,6	52,5	48,5
2015							
	TOTAL	REC	SAL	BH	RJ	SP	PA
SEM INSTRUÇÃO E COM MENOS DE 1 ANO	1,1	1,7	1	0,9	1,2	1	0,7
COM 1 A 3 ANOS	2,2	3,3	2,4	2,3	2,2	2,1	2,1
COM 4 A 7 ANOS	13,8	15,9	13,6	16,9	12,2	13,3	16,4
COM 8 A 10 ANOS	15,5	12	15,5	17,5	15,9	14,8	18
COM 11 ANOS OU MAIS	67,3	67,1	67,5	62,4	68,4	68,8	62,7

Fonte: Elaboração própria a partir de dados da PME/IBGE.

Um dos índices mais importantes para um país é seu nível de escolaridade, quanto mais pessoas frequentando escolas e universidades mais qualificados seus profissionais, além de representar o nível de instrução de sua população. No caso dos anos usados como referência para esse estudo notaremos que ocorreram algumas mudanças notáveis.

Iniciaremos a análise por pessoas sem instrução e com menos de um ano de estudo. Esse nível de escolaridade, assim como a maioria dos analisados teve uma diminuição de 2005 para 2015. A RMPA foi a que apresentou a menor variação, passando de 1,5% para 0,7%. As RMs de Recife, Salvador e São Paulo diminuíram na mesma proporção, 1,6% de 2005 para 2015. Já Belo Horizonte e Rio de Janeiro, diminuíram numa média de 1,25%.

O número de pessoas que tinham de 1 a 3 anos de estudo durante esse período analisado também caiu, sendo a maior variação na RMS, que diminuiu 4,3%, e a menor em Porto Alegre, que caiu 2,5%. No patamar de 4 a 7 anos de estudos houve uma diminuição maior do que nas demais com uma média de 8,7% no total das RMs

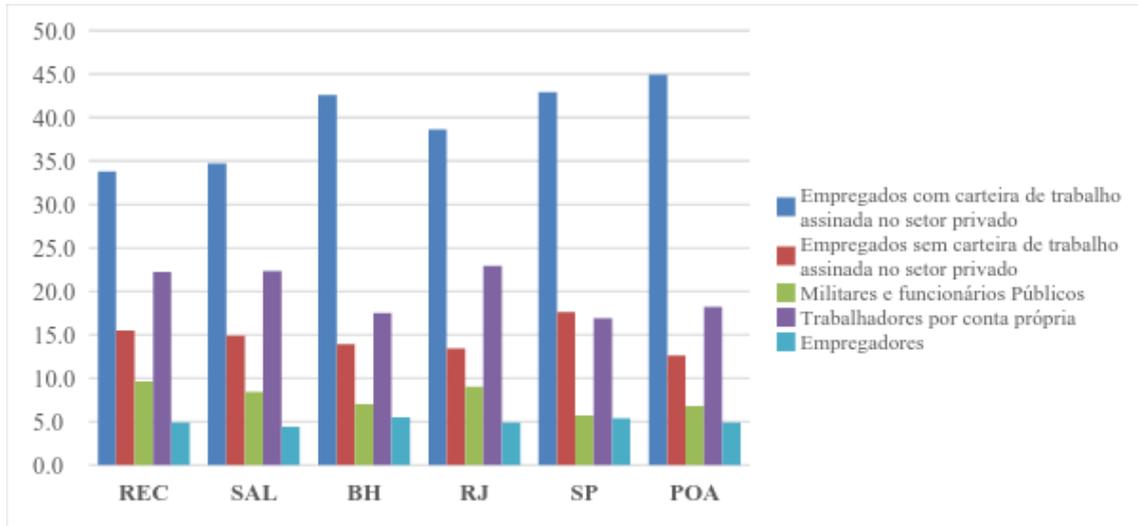
abordadas pela pesquisa. Em seguida, vem aqueles que possuem de 8 a 10 anos de estudo, nível onde também houve queda nos índices. Os números diminuíram mais na RMR, que apresentava 15,9% de pessoas com esse nível de instrução em 2005, e passou a apresentar 12,0% em 2015. Em seguida vem a RMRJ, que apresentou uma queda de 3,6% na comparação dos dez anos analisados. Já as RMs de Porto Alegre e Salvador, tiveram as menores variações, -1,8% e -1,9%, respectivamente.

Por último, vem aqueles que possuem 11 anos ou mais de escolaridade, único nível que apresentou crescimento de 2005 a 2015. A RM que apresentou o maior taxa de ocupados com 11 ou mais de estudo foi São Paulo, com 52,5% no ano de 2005 e 68,8% em 2015. Já a RM que obteve o menor índice em 2005 foi Porto Alegre com 48,5%. Em 2015, a RM com menor taxa foi a RMBH com 62,4%.

Em termos gerais, após fazer as devidas análises pontuais, o que se pode dizer é que os trabalhadores menos escolarizados vem perdendo espaço no nível total de ocupados. Isso significa que o mercado de trabalho metropolitano brasileiro vem apresentando ao longo dos anos um maior grau de exigência e seletividade. Destaca-se a RMR, que tradicionalmente tinha os menores níveis de escolarização entre as seis analisadas, mas segundo o IBGE (2011), ao longo dos anos ela se igualou as demais e aumentou em dois anos o nível de instrução de sua população. Dados da PNAD (1995) informam que, no Nordeste, a proporção de pessoas sem instrução ou com menos de um ano de escolaridade alcança 31,7%. A discrepância é evidente ao comparar com as RMs do Sudeste, que apresentam, segundo a PNAD (1995), 8,4% como sendo o valor da estatística similar (ARAUJO, SOUZA e LIMA, 1997).

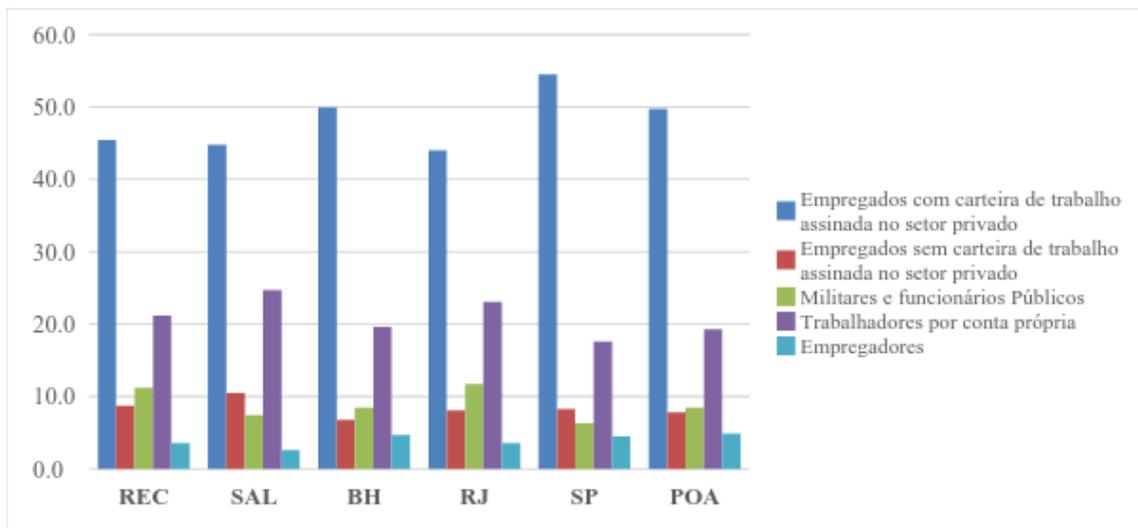
d) Posição na ocupação

Gráfico 6: distribuição da taxa de ocupados por região metropolitana, segundo posição na ocupação, 2005 (%)



Fonte: Elaboração própria a partir de dados da PME/IBGE.

Gráfico 7: distribuição da taxa de ocupados por região metropolitana, segundo posição na ocupação, 2015 (%)



Fonte: Elaboração própria a partir de dados da PME/IBGE.

Quadro 4: distribuição da taxa de ocupados por região metropolitana por posição na ocupação – 2005/2015 (%)

Posição na ocupação	ANO	TOTAL	REC	SAL	BH	RJ	SP	PA
Empregados com carteira de trabalho assinada no setor privado	2005	45,6	33,8	34,7	42,6	38,6	42,9	44,9
	2015	49,8	45,4	44,8	49,9	44	54,5	49,7
Empregados sem carteira de trabalho assinada no setor privado	2005	22,0	15,5	14,9	13,9	13,4	17,6	12,6
	2015	8,3	8,7	10,5	6,8	8,1	8,3	7,8
Militares e funcionários Públicos	2005	7,2	9,6	8,4	7	9	5,7	6,8
	2015	8,4	11,2	7,4	8,5	11,7	6,3	8,5
Trabalhadores por conta própria	2005	19,3	22,2	22,3	17,5	22,9	16,9	18,2
	2015	20,0	21,2	24,7	19,6	23,1	17,6	19,3
Empregadores	2005	5,1	4,9	4,4	5,5	4,9	5,4	4,9
	2015	4,1	3,6	2,6	4,7	3,6	4,5	4,9

Fonte: Elaboração própria a partir de dados da PME/IBGE.

O nível dos empregados com carteira assinada no setor privado apresentou na comparação de 2005 com 2015 uma sucinta evolução, sendo que a maior variação foi de 11,6 p.p nas RMs de Recife e São Paulo. Em seguida vem a RMS, que em 2005 tinha 34,7% e em 2015 apresentou 44,8%; e logo após a RMBH que teve uma variação percentual de 7,3 p.p nos dez anos analisados pela pesquisa nessa posição de ocupação. Os menores índices de empregados com carteira assinada no setor privado pertencem as RMs de Rio de Janeiro e Porto Alegre, que obtiveram 5,4 e 4,8 p.p de variação respectivamente. De acordo com o DIEESE (2009) o nível de escolarização do trabalhador tem um papel importante na melhora destes dados, já que pessoas mais escolarizadas, em geral, trabalham mais com carteira assinada.

Na posição contrária, ou seja, os empregados do setor privado sem carteira assinada, os resultados são bons, já que o número de pessoas nessa situação caiu 13,7 p.p no total metropolitano de 2005 para 2015. A RM que mostrou maior variação percentual foi São Paulo, -52,8% na comparação dos dez anos pesquisados. As RMs de Recife, Belo Horizonte e Rio de Janeiro apresentavam em 2005, 15,5%, 13,9% e 13,4%, respectivamente; em 2015 esses números passaram para 8,7%, 6,8% e 8,1%,

respectivamente. Salvador e Porto Alegre foram as RMs que apresentaram as menores mudanças, variando -29,5% e -38,1% de 2005 para 2015. Em geral, o setor informal é encarado como gerador de empregos de baixa qualidade e remuneração, além de ajudar empresas que descumprem a lei. E desse modo, de acordo com o DIEESE (2012), acaba por prejudicar a expansão de firmas mais produtivas que respeitam a legislação. No entanto, apesar do fato do grau de informalidade ter diminuído bastante ao longo dos dez anos analisados ainda há muito o que se fazer nesse sentido.

O índice de militares e funcionários públicos nas RMs pesquisadas se manteve praticamente estável na comparação dos dez anos da pesquisa. Sendo que a maior variação foi na RMRJ, que passou de 9,0% em 2005 para 11,7% em 2015. Em contrapartida a menor variação apresentada foi na RMS, que obteve variação percentual de -1,0%; tinha 8,4% de militares e funcionários públicos em 2005 e em 2015 esse número passou para 7,4%. O aumento do emprego público acaba por favorecer o aumento da formalização e da estabilidade no emprego.

A posição daqueles que trabalham por conta própria variou bastante de RM para RM. Salvador e Belo Horizonte obtiveram os maiores índices, variando 10,8% e 12,0%, respectivamente na comparação dos anos. Em seguida vem a RMPA, que em 2005 tinha 18,2% e em 2015, 19,3%. Logo após vem São Paulo, que em 2005 apresentou 16,9% de trabalhadores por conta própria, e em 2015 esse número aumentou para 17,6%. A RMRJ aumentou seus índices, assim como as demais já citadas, porém em proporção bem menor, já que variou apenas 0,9 p.p de 2005 para 2015. Em contrapartida vem a RMR, que foi a única que diminuiu seus valores na última década, passando de 22,2% para 21,2%. Esse aumento do número de trabalhadores por conta própria pode ser interpretado como uma deficiência do mercado de trabalho dado o recente desempenho econômico do país, que foi atingido por uma forte recessão nos primeiros meses de 2015, mas poucos poderiam prever uma deterioração tão rápida e, ao mesmo tempo, persistente da economia brasileira. Durante o ano de 2015, pelo menos 825 mil pessoas perderam seus postos de trabalho segundo o IBGE (2015). Os investimentos se paralisaram e a renda dos trabalhadores caiu. Segundo dados divulgados pelo IBGE em dezembro de 2015, de julho a setembro o PIB do país se retraiu 1,7% frente ao segundo trimestre do ano e 4,5% frente ao mesmo período de 2014.

O número de empregadores nas RMs abordadas pela pesquisa se manteve praticamente estável ao longo dos dez anos da pesquisa. A RMPA não variou nada de 2005 para 2015, apresentou 4,9% em ambos os anos. As menores quedas nos índices ocorreram nas RMs de Belo Horizonte e São Paulo. A maior foi na RMS, que passou de 4,4% para 2,6%. Recife e Rio de Janeiro apresentaram números idênticos, ambas tiveram uma redução de 1,3 p.p de 2005 para 2015. Segundo a PNAD (2015) o número de empregadores diminuiu 8,6% de 2015 para 2016 no Brasil: 351 mil pessoas tiveram que fechar ou reduzir seus empreendimentos, estimulando ainda mais o aumento do desemprego no país, tudo consequência da crise financeira que se iniciou no começo de 2015. Muitos empreendedores podem ter trocado empresas pequenas, "como um escritório que contrate três ou quatro funcionários", pelo trabalho autônomo. A medida seria uma forma de "escapar" do pagamento de tributos, como encargos sociais para os funcionários da firma, e desse forma, com menos gastos, conseguir manter-se trabalhando.

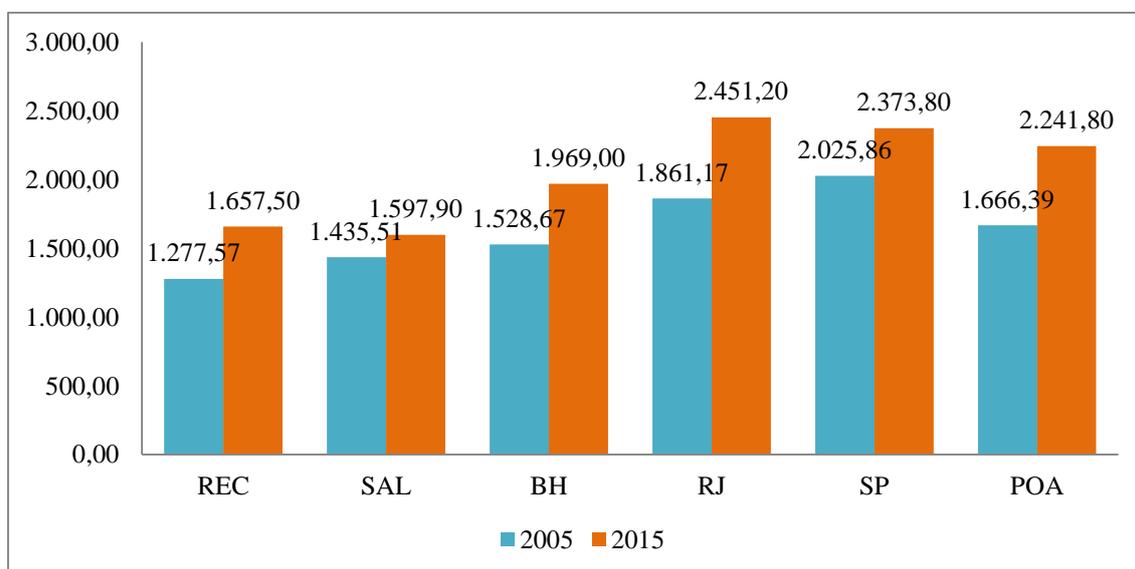
e) Rendimento médio

Quadro 5: rendimento médio real habitual da população ocupada, por região metropolitana, 2005/2015 (R\$)

ANO	TOTAL	REC	SAL	BH	RJ	SP	PA
2005	1.814,14	1.277,57	1.435,51	1.528,67	1.861,17	2.025,86	1.666,39
2015	2.235,50	1.657,50	1.597,90	1.969,00	2.451,20	2.373,80	2.241,80
Var %	23,23	29,74	11,31	28,8	31,7	17,17	34,53

Fonte: Elaboração própria a partir de dados da PME/IBGE.

Gráfico 8: rendimento médio real habitual da população ocupada, por região metropolitana – 2005/2015 (R\$)



Fonte: Elaboração própria a partir de dados da PME/IBGE.

O rendimento médio real habitual da população metropolitana ocupada brasileira apresentou aumento em sua variação nos dez anos analisados. No ano de 2005 a RMSP pagava um total de R\$ 2025,86, o melhor salário entre as RMs da pesquisa, em 2015 o valor foi para R\$ 2373,80, uma variação percentual de 17,17%, que é considerada baixa ao comparada com as demais RMs, ficando acima apenas da RMS, que variou 11,31%. O maior rendimento pago em 2015 entre as RMs pesquisadas foi no Rio de Janeiro, um valor de R\$ 2451,20, que foi o segunda maior variação percentual entre as RMs, perdendo apenas para Porto Alegre, que obteve 34,53% de aumento do rendimento de 2005 para 2015. A RMR aumento seu rendimento médio em R\$ 379,93

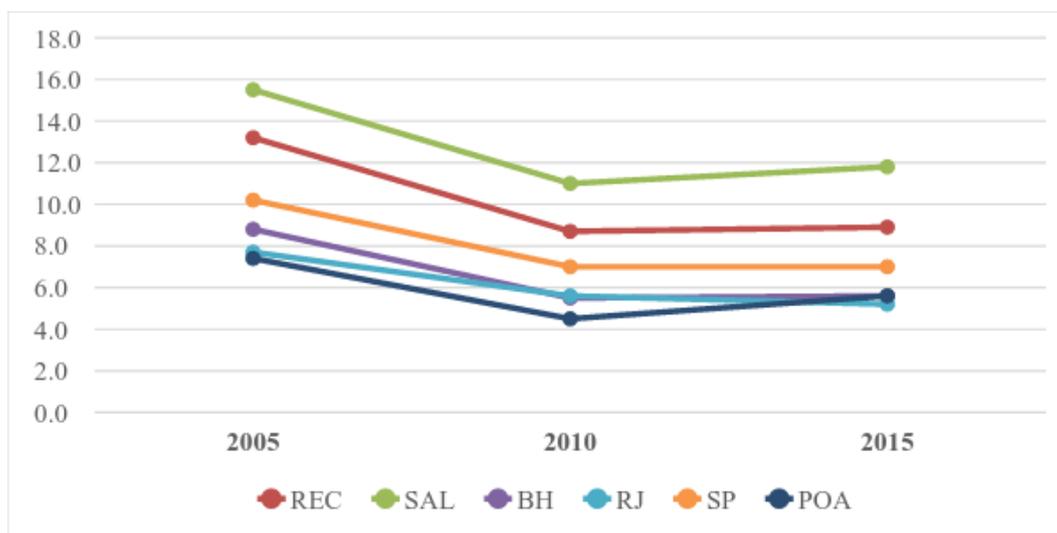
de 2005 para 2015; pouco menos do que a RMBH que aumentou R\$ 440,33.

Após dez anos de ganhos anuais sucessivos, o rendimento médio real de 2015 (R\$ 2.235,50) registrou perda de 3,7% em relação a 2014, tendo sido, portanto, a primeira queda desde 2005, segundo IBGE (2016). Na comparação de 2015 em relação a 2003, houve um ganho de 28,4% no poder de compra do rendimento do trabalho da população ocupada no total das regiões pesquisadas, um ganho de cerca de R\$ 501,25. Das seis regiões abordadas na pesquisa, duas apresentaram variações acima de 30,0% (Porto Alegre e Rio de Janeiro, que variaram 34,53%; 31,7%, respectivamente, de 2005 a 2015). As menores variações foram observadas em São Paulo (17,17%) e Salvador (11,31%) de acordo com IBGE (2015).

As características de recomposição do mercado de trabalho adotadas pelo governo que atuou durante esses dez anos da pesquisa, tanto em termos de ocupação quanto de renda, foram suficientes para condicionar as modificações na distribuição da massa de rendimentos ao longo do período analisado. A principal consequência da adoção de uma política de maior distribuição de renda foi a queda da desigualdade, o que trouxe um aumento do padrão médio de bem-estar da sociedade segundo a PNAD (2014).

f) População desocupada

Gráfico 9: população desocupada, por região metropolitana - 2005/2015 (%)



Fonte: Elaboração própria a partir de dados da PME/IBGE.

Quadro 6: população desocupada, por região metropolitana – 2005 a 2015 (%)

ANO	TOTAL	REC	SAL	BH	RJ	SP	POA
2005	8,4	13,2	15,5	8,8	7,7	10,2	7,4
2006	8,4	14,6	13,7	8,5	7,9	10,5	8,0
2007	7,4	12,0	13,7	7,6	7,2	10,1	7,3
2008	6,8	9,3	11,5	6,5	6,8	8,4	5,9
2009	6,8	9,9	11,3	6,4	6,1	9,2	5,6
2010	5,3	8,7	11,0	5,5	5,6	7,0	4,5
2011	4,7	6,5	9,6	4,9	5,2	6,2	4,5
2012	4,6	6,0	7,2	4,4	5,0	6,0	4,0
2013	4,3	6,4	8,2	4,2	4,5	5,9	3,5
2014	4,3	6,5	9,0	3,7	3,5	5,0	3,8
2015	6,9	8,9	11,8	5,6	5,2	7,0	5,6

Assim como o número de ocupados a taxa de desocupação total também é de suma importância para se analisar o crescimento de um país. As RMs brasileiras abordadas na pesquisa apresentaram bons índices ao longo do anos analisados, com

diminuição do número de desempregados em todas elas. No ano de 2005, a RM que obteve menor índice percentual de desocupados foi a RMPA, com 7,4%, já em 2015 a menor taxa foi do Rio de Janeiro, com 5,2% de desempregados. As RMs de São Paulo e Belo Horizonte, talvez por pertencerem a mesma região do país, variaram na mesma proporção de 2005 para 2015, -3,2% no índice de desocupados. A RMR foi a que mais conseguiu diminuir seus índices de desocupados, passando de 13,2% em 2005, para 8,9% em 2015. Já a RMS apresentou as maiores taxas de desempregados entre as RMs da pesquisa, 15,5% no ano de 2005, indo para 11,8% em 2015.

As dificuldades da economia em gerar postos de trabalho suficientes para atender à demanda da população são expressas também pela duração da situação do desemprego. Quanto menores as oportunidades de trabalho, mais prolongada é a duração do desemprego. Um indicador desta duração é o tempo de procura de trabalho pelos desempregados (HOFFMANN e MENDONÇA, 2003 – p.37).

Houve um significativo processo de diminuição da desigualdade de renda no país no período analisado pela pesquisa e uma redução no nível de pobreza geral do país, o que causou um aquecimento do mercado interno levando a geração de empregos. O mercado de trabalho nacional, na última década, apresentou comportamento bastante atrelado à dinâmica econômica do país. Após atingir a mais alta taxa de desemprego em 2003, os indicadores de emprego e desemprego passaram a apresentar melhora significativa, tendo apenas desviado dessa trajetória em 2008, em virtude dos efeitos da crise financeira internacional (PED, 2005).

4 - CONSIDERAÇÕES FINAIS

As evidências estatísticas apresentadas indicaram que, na década 2005-2015, o mercado de trabalho nas RMs analisadas apresentou como principais mudanças o crescimento dos postos de empregos, aumento da formalização, uma relativa melhora na renda do trabalho, diminuição da desigualdade social, aumento da participação do emprego assalariado e uma maior formalização dos contratos de trabalho.

Pessoas com mais escolaridade tendem a permanecer em uma ocupação com maior facilidade, principalmente no mercado de trabalho urbano, como é o caso da região metropolitana. Assim sendo, o nível de escolaridade representou um viés significativo na demanda por mão de obra qualificada nos últimos dez anos. Basicamente pudemos notar que o aumento do índice nos níveis de escolaridade da população brasileira representa uma maior exigência e seletividade no mercado.

O trabalho assalariado em geral aumentou, em particular o com carteira assinada no setor privado, assim como o emprego no setor público. O assalariamento sem carteira de trabalho cresceu, assim como ocupação terceirizada, por meio de empresas prestadoras de serviços ou da contratação direta do trabalhador como autônomo. Ao mesmo tempo, o desemprego, apesar de ter diminuído deus índices, se generalizou, atingindo fortemente segmentos da força de trabalho, geralmente menos vulneráveis, como trabalhadores na faixa etária de 25 a 39 anos, chefes de domicílio/família e trabalhadores do sexo masculino.

Embora o papel que as mulheres desempenham historicamente no lar esteja passando por significativas alterações oriundas das mudanças demográficas e do mercado de trabalho, há, ainda, maior irregularidade na inserção. A população feminina possui taxa de participação na força de trabalho historicamente menor do que a masculina. Embora a participação da mulher na força de trabalho tenha aumentado, a taxa de atividade masculina ainda é superior.

Em suma, a economia brasileira obteve um crescimento moderado nos últimos dez anos, o que não foi suficiente para alterar o quadro geral da condição de atividade da população do país. É claro que os avanços são notáveis, contudo ainda há muito o que se melhorar para chegarmos a patamares mais altos.

5 - REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- A Situação do trabalho no Brasil na primeira década dos anos 2000. Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos. - São Paulo: DIEESE, 2012.
- ANTIGO, Mariangela F. MACHADO, Ana F. Transições e duração do desemprego: uma revisão da literatura com novas evidências para Belo Horizonte. Nova Economia, Belo Horizonte: 2006.
- ARAUJO, Tarcísio Patrício de. SOUZA, Aldemir do Vale. LIMA, Roberto Alves de. Nordeste: economia e mercado de trabalho. Estudos avançados: 1997.
- BRAGA, Thaiz S. RODARTE, Mario Marcos Sampaio. A inserção ocupacional e o desemprego dos jovens: o caso das regiões metropolitanas de Salvador e Belo Horizonte. Pesquisa & Debate, São Paulo: 2006.
- CHAHAD, José Paulo Z. Tendências recentes no mercado de trabalho: Pesquisa de Emprego e Desemprego. São Paulo: 2003.
- HOFFMANN, Marise B. P. MENDONÇA, Sérgio Eduardo A. O mercado de trabalho na região metropolitana de São Paulo. Estudos avançados, São Paulo: 2003.
- Principais destaques da evolução do mercado de trabalho nas regiões metropolitanas abrangidas pela pesquisa - IBGE: 2011.
- Principais destaques da evolução do mercado de trabalho nas regiões metropolitanas abrangidas pela pesquisa (2003-2015). IBGE: 2015.
- RAMOS, Lauro. Texto para discussão Nº 1255: O desempenho recente do mercado de trabalho brasileiro: tendências, fatos estilizados e padrões espaciais. 2007.